

DNOTICIAS.pt - Serviço de documentação e impressão

Ricardo Fabrício

[Público versus privado](#)

Data: 01-02-2008

Parece-me senil a lenga-lenga neo-liberal, que vive basicamente da e para a apologia dos dogmas de mercado, impulsionadores da crescente empresarialização da sociedade.

Ouve-se e lê-se amiúde que temos de minimizar (ou seja, em termos neoliberais, privatizar) a actividade pública. Este discurso baseia-se regra geral no dogma da suposta superioridade (em termos de eficiência) da denominada actividade privada (?).

A actividade privada vive basicamente para os clientes e os accionistas. Que me perdoem esta crueldade vivenciada, todos os que são designados por colaboradores... Mas existem domínios na actividade pública em que não podemos ser simples colaboradores, clientes ou utentes, como também é hábito se designar. Somos genuínos cidadãos-accionistas. Cidadãos porque sem essa condição determinadas actividades não existiam; accionistas porque alimentamos, colocamos lá os recursos e damos sentido à actividade, pagando assim a singularidade da condição que detemos -de cidadãos- e que ainda é-nos reconhecida.

A discussão público vs. privado, que resvala inevitavelmente para a tendencial empresarialização da sociedade à escala planetária, leva-nos para um território alegórico... sem escolas, hospitais, teatros, tribunais, cidades ou países, onde apenas existem empresas, que prestam serviços ou comercializam produtos educacionais, de saúde, culturais, de justiça ou integradores, como pode ser um requerimento público ou o acesso a um espaço público concessionado. De facto, é como se não existissem alunos, doentes, espectadores ou cidadãos. Somente clientes. Tratados como clientes. Meros clientes. Que quando deixam de poder ser clientes, passam a ser ex-clientes. Só que não é possível passar-se a ser ex-cidadão, nomeadamente, em matéria de educação, saúde, justiça ou cultura.

O fim das ideologias tradicionais, de que falava Daniel Bell, está longe de representar a não-existência das ideologias. Como as conhecemos até determinada altura no Séc. XX -fortes, diferenciáveis- até é possível; mas a orquestração neoliberal é uma poderosa sistematização conceptual que nos guia na contemporaneidade. Pelo menos até que se esvaneça por completo a consciência de cidadania e vivamos então plenamente na sociedade das empresas.

Ricardo Fabrício

© Está expressamente proibida a distribuição e a utilização dos diferentes conteúdos dos serviços do DNOTICIAS.pt, sem consentimento prévio da Empresa Diário de Notícias, Lda.